

"A verdadeira contestação é ampliar o horizonte"

Felippi, Ângela*

Pioneiro do movimento ecológico do Rio Grande do Sul, José Lutzenberger é símbolo de contestação. Das lutas contra os agrotóxicos, nos anos 70, ao combate aos transgênicos e à globalização, nesse início de século, é reconhecidamente um dos nomes mais importantes no país no trabalho de preservação do planeta e dos que vivem nele.

Às vésperas de completar 75 anos, Lutzenberger continua combativo, voltado para promoção do desenvolvimento rural sustentável, difusão da agricultura regenerativa e educação ambiental, dando assessoramento através da Fundação Gaia, que fundou em 1987 e preside. O ecologista e agrônomo com mais de 40 prêmios no currículo, tem sua marca na criação da lei de Agrotóxicos do Rio Grande do Sul, primeira do país, na criação da AGAPAN - Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural - e em projetos contra o desmatamento, extinção da fauna e poluição ambiental. Foi Secretário Especial de Meio Ambiente entre 1990 e 1992, durante o governo Collor, contribuindo para a demarcação dos territórios indígenas, entre outros projetos.

Nessa entrevista, Lutzenberger fala sobre as perspectivas da agricultura sustentável, dos agricultores familiares e dos transgênicos e a perda da autonomia do agricultor.

Revista Agroecologia e DRS- Como o senhor vê os resultados da luta ambiental que o senhor iniciou décadas atrás?

José Lutzenberger - Eu acho que hoje há uma mudança fundamental na filosofia. Enquanto que uns 30 anos atrás quem levantava esta questão da maneira como eu levanta-



va era considerado meio louco, hoje, o esquema oficial, pelo menos para o Rio Grande do Sul, está querendo levar a agricultura para o caminho ecológico sustentável e a gente vê, a cada dia, notícias nos meios de comunicação de agricultores que por iniciativa própria estão procurando caminhos de produção sem veneno. Por isso, já não estou nem brigando contra os agrotóxicos. A luta intelectual já está ganha. O que nós temos que fazer agora é promover uma agricultura sadia e estou contente de ver que a EMATER/RS, nesse sentido, mudou de orientação, o que não se pode dizer quanto à EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária).

Revista - Quais as perspectivas para o futuro? Poderemos chegar a uma agricultura sustentável?

Lutzenberger - Se não chegarmos, não teremos agricultura. É o único caminho. Depen-

* Ângela Felippi é jornalista da Emater/RS. A entrevista teve a colaboração do Conselho Editorial da Revista.

de muito das políticas oficiais. Se, por exemplo, na próxima eleição um outro partido resolver desfazer tudo o que foi feito agora, poderemos ter um retrocesso. Não é que eu seja defensor do PT, mas pelo menos o Olívio (Dutra, governador do Rio Grande do Sul) quer fazer uma agricultura mais sustentável, mais ecológica, sobretudo socialmente mais justa. Temos que salvar o campesinato.

A grande tecnocracia está estruturando um governo mundial tecnoditatorial. Ela quer acabar com tudo que é empreendimento autônomo. Na agricultura, eles querem deixar sobreviver somente, num extremo, a grande monocultura, como a de soja; e no outro, somente aquele pequeno agricultor que se enquadra nos esquemas de integração vertical, como nos campos de concentração de galinhas, nas fábricas de ovos, no fumo e ultimamente até nos calabouços de porcos.

Na grande monocultura como a de soja, o agricultor é um terceirista da tecnocracia. Todos os insumos, tem que comprar da indústria, a preços determinados por eles, onde ele não tem a mínima ingerência. Ele tem que entregar o seu produto também à grande tecnocracia, sem a mínima ingerência nos preços. Se me dedicar a, por exemplo, ganhar a vida com criação de frango, tenho apenas a ilusão de ser um empresário autônomo, mas sou um operário sem carteira, sem salário garantido, sem horas de serviço estabelecidas, toda família tem que trabalhar, não tem sábado, domingo, férias e pago a minha própria previdência social. É uma nova forma não digo de escravidão, mas é uma quase-escravidão.

Então temos esses dois extremos. O colono, que está no meio, e produz para si, para sua comunidade, para o mercado local, está sendo marginalizado. Tudo porque tudo o que ele tem

que comprar, o preço está lá em cima, e tudo o que ele tem que vender, o preço está lá embaixo. Uma das razões porque nós (Fundação Gaia) estamos sem dinheiro é que tudo o que a gente produz não se consegue vender ou se consegue um preço que não paga nem a mão-de-obra. Nós chegamos a ter 500 porcos, alimentados com produtos da própria propriedade, mas os preços não pagam a mão-de-obra.

No Vale do Taquari, no Caí, no Pardo vocês vão ver a metade das propriedades agrícolas abandonadas, é bosque secundário e plantação de acácia. Onde vemos colono, está o velho casal. Gente de mais de 60 anos. Os filhos foram embora porque não têm futuro. O casal vive da triste previdência social. Como não tem condições de pagar mão-de-obra, plantam três ou quatro canteirinhos de verdura para o próprio consumo. Daqui a dez, quinze anos acaba tudo.

Revista - Qual seria a alternativa para o agricultor diante desse quadro mundial?

Lutzenberger - Precisamos

de uma política agrária diferente. Não é uma reforma agrária no sentido de tirar de um e dar para outro, isso não resolve nada. O Brasil é suficientemente grande. Precisamos, isto sim, promover a produção local para o consumo local e regional. Hoje, nós preferimos a exportação. O governo federal promove a exportação.

Revista - E a agricultura regenerativa?

Lutzenberger - Dizer que a agricultura regenerativa é menos produtiva, é uma grande ilusão. Ela não é menos eficiente em termos de mão-de-obra, não é menos eficiente em termos de produtividade por hectare. Temos que ver o quadro inteiro.

Regenerativa quer dizer regenerar aquilo que foi destruído, refazer a fertilidade do solo,

"O que era o campesinato tradicional? Um esquema autárquico de produção, manipulação e distribuição de alimentos (...) não precisava de bancos, não precisava de transnacionais, produzia seus próprios insumos"

refazer a diversidade biológica da paisagem. Por isso, preferimos a palavra regenerativa, não alternativa, ecológica ou orgânica. Alternativa significa apenas diferente, pode ser pior. Ecológica, pode ser até uma grande mortandade. Orgânica, refere-se apenas ao aspecto químico. O DDT é uma substância orgânica.

Revista - Então, a agricultura regenerativa poderia...

Lutzenberger -

Lutzenberger - É a única que pode nos salvar. Quando dizem que a agricultura moderna é a única solução para a fome no mundo, comparam coisas que não dá para comparar. Dizem assim: em 1900, 60% da população trabalhavam no campo para alimentar os 100% e seguido faltava comida; hoje, na agricultura moderna, menos de 2% da população alimentam toda a população.

O que era o campesinato tradicional? Era um esquema autárquico de produção, manipulação e distribuição de alimentos. O sistema era autárquico, não precisava de bancos, não precisava de transnacionais, produzia seus próprios insumos. O adubo era o esterco de seus animais, era a rotação de cultivos, era a adubação verde, eram leguminosas, etc. Não precisava de petróleo, porque a energia vinha dos animais a tração, alimentado na própria propriedade. Isso era energia solar, indefinidamente sustentável. As enxadas, os arados, as carretas eram produzidos pelos artesãos na aldeia. Esses estavam incluídos nos 60% de população rural. A pouca manipulação que se fazia de alimentos naquela época era feita, ou na propriedade agrícola, ou na aldeia. Não havia o agribusiness que tem hoje. E o agricultor entregava seu produto na feira semanal, praticamente na mão do consumidor. Em português, sobrou uma relíquia muito importante daquele tempo, quando cada



dia o agricultor ia a um bairro para vender seus produtos. Domingo era a primeira feira. Então era domingo, segunda, terça, quarta, quinta, sexta-feira e sábado, dia em que não havia feira.

Agora, o agricultor moderno é um tratorista, nada mais, um espalhador de veneno. Agricultura moderna começa lá nos campos de petróleo, passa pelas refinarias, pelas fábricas de adubo e de agrotóxicos. O economista moderno, quando olha a fábrica de adubo e de agrotóxicos, diz que é indústria química e coloca nas estatísticas como indústria química. Mas isso é agricultura moderna.

Revista - É então muito mais que 2% da população?

Lutzenberger - Mas é claro. A pessoa que está no banco, sentada diante do computador, trabalhando com os créditos do agricultor, está no negócio de produção, manipulação e distribuição de alimentos. O esquema vai até o supermercado. Então, se eu quiser comparar o tradicional camponês com o que fazemos hoje, tenho que somar todas as horas de trabalho que vão direta ou indiretamente na produção, manipulação e distribuição de alimen-

tos. Ninguém fez essa conta, até hoje, porque não está dentro do paradigma convencional. Mas eu tenho certeza de que se fizermos essa conta dá mais do que 60%. Nos países com agricultura moderna, como os Estados Unidos e a Europa, temos que incluir até parte das horas de trabalho das pessoas que nada têm a ver com a agricultura. Por exemplo, um dentista alemão. O trabalho dele, numa proporção muito elevada talvez, uns 10% ou 20%, é para ganhar o dinheiro para pagar os impostos, para pagar os imensos subsídios para aquele tipo de agricultura, que são 60 bilhões de dólares. Ninguém faz essa conta.

O que realmente houve na agricultura dita moderna foi uma desapropriação do camponês. Tiraram dele todas aquelas partes de suas atividades que dão segurança de sobrevivência. Deixaram com ele apenas os riscos. O risco de má colheita por mau tempo.

Revista - E a questão dos transgênicos, então?

Lutzenberger - O transgênico é mais uma manobra para tirar uma das últimas coisas que o agricultor ainda tem domínio próprio, que é a semente. Na Alemanha, hoje, se um agricultor trocar a semente com seu vizinho já é punido. Se nós deixarmos entrar os transgênicos, não demora, vamos poder plantar somente as sementes registradas. Hoje, já não se consegue crédito para milho que não seja híbrido.

Revista - O governo do Rio Grande do Sul quer que o Estado seja livre de transgênicos. O senhor acha que é possível?

Lutzenberger - Claro que é possível. Temos como fazer isso. Não precisamos nem proibir os transgênicos. É só não aceitar as patentes e pronto. Ai eles não oferecem mais

essa semente.

Baseada nas patentes, a Monsanto já processou mais de quatro mil agricultores nos Estados Unidos. Isso significa que a lavoura deles é destruída, eles são obrigados a pagar multas de dezenas de milhares de dólares e acabam entregando a propriedade ao banco.

"O que realmente houve na agricultura dita moderna foi uma desapropriação do camponês. (...) Agora, o agricultor moderno é um tratorista, nada mais, um espalhador de veneno."

Essas grandes empresas querem o controle total dos insumos. Agricultura moderna é isso. E nem o agricultor, nem o consumidor têm como se defender. Temos que olhar o panorama completo, em vez de simplesmente bater palmas para a globalização, achar que isso é bom.

O agricultor e o consumidor não têm mais escolha. Esta se estruturando um governo mundial tecnoditatorial, que não precisa fazer repressão. Não precisa soldados. Não precisa proibir. Através de infra-estrutura tecnoburocrática legalizada, cada vez mais abrangente, criam-se contingências tecnológica inescapáveis.

Revista - Como está a formação dos profissionais das ciências agrárias?

Lutzenberger - Eles aprendem pacotes tecnológicos prontos. Em geral, eles não aprendem a pensar e não têm horizonte científico amplo. Aqui vai meu apelo aos jovens profissionais: ampliem seu horizonte intelectual em ciências naturais, tecnologia e filosofia. Isso não significa trabalho árduo, ao contrário, as ciências naturais são a maior aventura do espírito humano. Não tem prazer maior que o prazer de desvendar os mistérios da natureza.

A verdadeira revolução, a verdadeira contestação é ampliar o horizonte científico, técnico e filosófico. Só quem tem esse horizonte tem condições de se dar conta do que está acontecendo. **A**